

O TRABALHO COM A ORALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Fabiana Goes da Silva Agostinho, Ana Luzia Videira Parisotto

Universidade Estadual Paulista – UNESP, Mestrado em Educação, Presidente Prudente, SP. E-mail: fabigoessc@hotmail.com.

Agência de fomento: CNPq

RESUMO

O estudo analisa os dados referentes a um projeto de pesquisa intitulado: “A formação do professor dos anos iniciais do ensino fundamental para superação do fracasso escolar: perfil teórico-metodológico e propostas para o ensino de língua materna”, financiado pelo CNPq. A amostra foi composta por professores e gestores de 22 escolas municipais vinculadas à Secretaria de Educação do Município de Presidente Prudente. Com abordagem qualitativa, utilizamos questionários e análise documental para obtenção de dados. Desta pesquisa ampla, fez-se um recorte com o objetivo de identificar as práticas com a oralidade em sala de aula. Para isso, fizemos a análise da questão “Como você trabalha com a oralidade?”, utilizando a análise de conteúdo de Bardin (2011). O objetivo deste estudo foi identificar as práticas relacionadas ao ensino da oralidade em sala de aula. Os resultados apontam que, frequentemente, os professores associam o trabalho com oralidade à oralização da escrita.

Palavras-chave: Oralidade, ensino de Língua Materna, formação docente, necessidades formativas, pesquisa qualitativa.

THE WORK WITH THE ORALITY IN THE ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT

The study analyzes the data for a research project entitled: "The formation of professors in the starting years of elementary school to overcome school failure: theoretical and methodological profile and proposals for mother tongue teaching." Funded by CNPq, the sample was composed of professors and administrators of 22 municipal schools linked to the Department of Presidente Prudente Municipal Education. With a qualitative approach, we used questionnaires and document analysis to obtain data. This extensive research, there was a cut in order to identify the practices with orality in the classroom. For this, we did the analysis of the question "How do you work with orality?", using the Bardin content analysis (2011). The aim of this study was to identify the practices related to teaching orality in the classroom. The results show that often the professors combine work with orality to writing oralization.

Keywords: Orality, teaching mother tongue, teacher training, training needs, qualitative research.

INTRODUÇÃO

A língua apresenta duas dimensões: a escrita e a oral. Apesar de a fala ser muito utilizada no nosso cotidiano ela não recebe o valor merecido.

A fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas. Contudo, ainda hoje, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade, quando comparada à escrita. Uma das principais razões do descaso com a língua falada continua sendo a crença generalizada de que a escola é o lugar do aprendizado da escrita, e não da fala. (MARCUSCHI; CAVALCANTE 2007, p.127)

A escola, já há algum tempo, tem possibilitado aos alunos esse espaço de troca, de situações comunicativas, nos quais podem expressar-se e posicionar-se. No entanto, não há um trabalho efetivo e direcionado para o uso da fala em sua função social, ou seja, a oralidade.

A preocupação com a escrita, como já mencionada no início, está ligada à ideia de prestígio social, exige sistematização, por ser considerada formal, sem possibilidade de erros. Enquanto a fala aprende-se naturalmente, no ambiente familiar, considerada informal, desorganizada, permitindo o erro. Essa dicotomização acaba por causar uma grande lacuna no desenvolvimento dos alunos, pois dessa forma, os professores sentem-se isentos de trabalhar a oralidade em sala de aula.

Segundo os PCN's- Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001, p.15),

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social e efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos, o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

O documento inclui a dimensão da oralidade ao tratar o domínio da língua. Sendo assim, a escola não está isenta de desenvolver um trabalho relacionado à oralidade. No entanto é necessário definir a diferença entre fala e oralidade. Para MARCUSCHI (1997, p.126) “a fala seria uma forma de produção textual-discursiva oral, sem necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano.” Enquanto a oralidade “seria uma prática social que se apresenta sobre variadas formas ou gêneros textuais que vão desde o mais informal ao mais formal e nos mais variados contextos de uso”.

Temos visto um intenso trabalho voltado ao uso de gêneros textuais nas escolas. O mesmo não acontece com os gêneros orais, que podem até mesmo ser desconhecidos pelos profissionais, ainda que se utilizem deles em diversas situações. A ideia de que o que está relacionado à fala é informal, descaracteriza a necessidade de um trabalho sistematizado com esses gêneros.

O trabalho apresentado é um recorte de uma pesquisa financiada pelo CNPq intitulada “A formação do professor dos anos iniciais do ensino fundamental para superação do fracasso escolar: perfil teórico-metodológico e propostas para o ensino de língua materna”, coordenado pela professora Dra. Ana Luzia Videira Parisotto. A pesquisa está relacionada ao grupo de pesquisa: Formação de Professores e Práticas de Ensino na Educação Básica e Superior- GP FPPEEBS (UNESP) criado em 2013, com o objetivo de desenvolver estudos e pesquisas sobre os processos formativos e as práticas de ensino na Educação Básica e Superior.

Para este artigo estabelecemos um recorte que leva em consideração as respostas dos professores das 22 escolas, totalizando 158 docentes. A análise diz respeito às respostas referentes à questão: Como você trabalha com a oralidade?

O objetivo deste estudo foi identificar o trabalho com a oralidade em sala de aula realizado por professores das escolas municipais de Presidente Prudente, para que fosse possível perceber se esses profissionais têm clareza do que seja oralidade e os gêneros orais, ou apresentam necessidades formativas nesta área.

METODOLOGIA

Foi utilizada uma abordagem qualitativa, já que “a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória” (GOLDENBERG, 2004, p.14).

A amostra foi composta por professores e gestores de vinte e duas escolas municipais vinculadas à Secretaria de Educação do Município de Presidente Prudente. Vale ressaltar que, neste artigo, enfocaremos somente as respostas emitidas pelos docentes. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Unesp - Presidente Prudente (Protocolo 947.980).

Os questionários destinados aos docentes foram utilizados para caracterizar o perfil pessoal, profissional e teórico-metodológico; levantar as dificuldades enfrentadas cotidianamente no ensino de língua materna e conhecer práticas formativas que consideram eficazes e como avaliam a contribuição da gestão escolar, com relação à superação do fracasso escolar em língua materna.

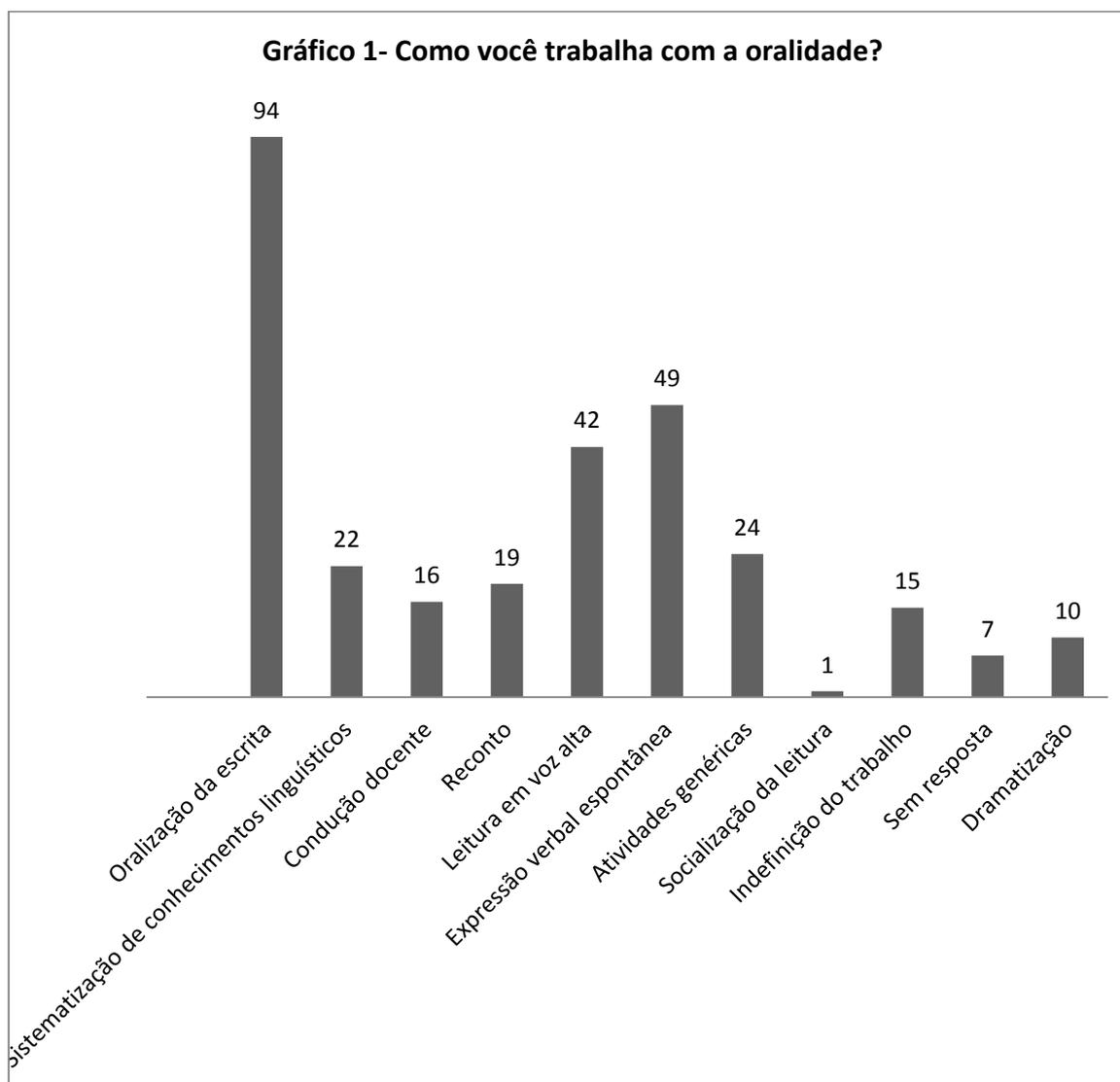
Os dados foram analisados à luz da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). De acordo com a autora, a análise de conteúdo diz respeito a:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção\recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2011, p.48)

Como se tratava de uma questão aberta, as respostas foram analisadas e categorizadas, utilizando a categorização a posteriori, que, segundo Franco (2005), “emerge da ‘fala’, do discurso, do conteúdo das respostas [...] as categoria vão sendo criadas, à medida que surgem nas respostas, para depois serem interpretadas à luz de teorias explicativas.” (FRANCO, 2005, p.59/60)

RESULTADOS

O gráfico a seguir demonstra a recorrência das categorias que foram sendo estabelecidas a partir da questão: “Como você trabalha com a oralidade?”.



Fonte: Dados organizados pelas pesquisadoras

Entende-se: oralização da escrita como verbalização de conteúdos e textos trabalhados durante a aula, podendo ser direcionada pelos questionamentos do professor; sistematização do conhecimento linguístico como a construção de conceitos linguísticos de adequação ou inadequação da língua, em virtude dos contextos em que se insere o falante; condução docente como ação centrada no professor; reconto como reconto oral de histórias; leitura em voz alta como vocalização de textos; expressão verbal espontânea como relato de fatos do dia-a-dia, sem intencionalidade pedagógica definida; atividades genéricas como apontamento de estratégias; socialização da leitura como o ato de compartilhar a leitura realizada; indefinição do trabalho como discurso generalizante, muitas vezes motivado por uma dificuldade de definição do próprio conceito de oralidade; dramatização como efeito de dramatizar.

DISCUSSÃO

Os resultados encontrados, após a análise dos dados, apontam que, frequentemente, os professores associam o trabalho com oralidade à oralização da escrita. Oralidade usada para verbalizar o que foi produzido através da escrita, socializar a escrita através do oral, compartilhando sua atividade para que possa haver a correção do professor. Além disso, outra categoria que se destaca é a “expressão verbal espontânea”, que indica oralidade como uso da fala, sem intenções pedagógicas. Em ambos os casos, a oralidade é “restrita à promoção de situações de discussão e conversa, não ocorrendo um planejamento sobre que habilidades orais deveriam ser estimuladas e de que modo isso poderia ocorrer.” (LEAL; BRANDÃO; LIMA, 2012, p. 14).

Refere-se ao uso da fala em situações informais, comuns fora do ambiente escolar, sobre as quais grande parte dos alunos já tem domínio. No entanto, desenvolver a oralidade deveria ser trabalhar situações de uso da língua falada e suas especificidades em cada uma dessas, dependendo de seu grau de formalidade. Para isso, deveria se desenvolver um trabalho direcionado aos gêneros orais formais, já que, provavelmente, os alunos não terão outras oportunidades de aprendê-los em outros ambientes que não a sala de aula.

Embora a linguagem oral esteja bastante presente nas salas de aula (nas rotinas cotidianas, na leitura de instruções, na correção de exercícios etc.), afirma-se frequentemente que ela não é ensinada, a não ser incidentalmente, durante atividades diversas e pouco controladas. É necessário definir claramente as características do oral a ser ensinado. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p.125/126)

Seria necessário, primeiramente, compreender o que seria a prática da oralidade em sala de aula, para que fosse possível, posteriormente, determinar objetivos e conteúdos. No entanto, o que percebemos no discurso desses profissionais é que não há um trabalho sistematizado e direcionado ao uso dos gêneros orais, nem reflexões sobre esses gêneros. Talvez não haja clareza quanto a isso. Bueno (2009) destaca a importância de ensinar os gêneros textuais, tanto orais quanto escritos, para que os alunos aprendam a agir em sociedade, adequando-se a cada situação comunicativa, desenvolvendo as capacidades da linguagem.

Os professores têm reconhecido a necessidade de se utilizar os gêneros textuais escritos, indicando suas especificidades, seus usos, suas aplicações, até mesmo propondo produções que respeitem as determinações de cada gênero escrito. O mesmo não acontece quanto aos gêneros orais, que também fazem parte da vida em sociedade. De acordo com Melo e Cavalcanti (2004, apud MARCUSCHI, 2007, p. 127) “o bom desempenho de certas práticas orais pode ser trabalhado na escola, como é o caso da apresentação de seminários, realização de debates, júris simulados, entrevistas etc. Portanto, a escola não está autorizada a ignorar a fala”.

A escola deve ser lugar onde se prioriza uma comunicação ampla e efetiva. E isso significa não ignorar a importância em se desenvolver um trabalho com a oralidade enquanto prática social e não apenas como utilização da fala. E é exatamente isso que pode ser observado neste estudo realizado em escolas municipais de Presidente Prudente. Os professores se apropriam da oralidade como forma de utilização da fala e por isso acreditam trabalhar a oralidade ao desenvolver atividades de leitura, roda de conversa, sistematização de conhecimentos linguísticos, ou seja, se o aluno está falando, está então exercendo a oralidade. Por isso a necessidade de possibilitar o uso de diversos gêneros textuais, especialmente os que exigem maior formalidade, pois muitas vezes o ambiente escolar é o único que possibilitará o acesso a este, enquanto os gêneros informais são vivenciados pelos alunos em seu dia-a-dia.

CONCLUSÃO

É possível identificar a falha na formação desses profissionais quanto ao trabalho com a oralidade. Não desenvolvem esse trabalho por não apresentarem um conhecimento aprofundado sobre o assunto, desconhecendo os gêneros orais e sua importância para uma participação social efetiva. Por esse motivo, tantos de nós chegamos ao Ensino Superior sem uma base para utilizar gêneros orais como, por exemplo: seminários, mesas-redondas, despertando insegurança.

Faz-se necessário proporcionar uma formação continuada a esses profissionais, para que compreendam os aspectos da oralidade e possam desenvolver um trabalho efetivo em sala de aula. Os professores precisam refletir sobre sua formação e sua prática fazendo uma autoavaliação e identificando suas necessidades formativas, percebendo o que ainda não dominam para aperfeiçoar seu trabalho.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Lawrence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. 3.ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BUENO, Luzia. Gêneros orais na escola: necessidades e dificuldades de um trabalho efetivo. In: Instrumento- Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, v.11, n.1, jan./jun. 2009.

DOLZ, Joaquim & SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros Oraís e Escritos na escola./ tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Análise de conteúdo. 2.ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências sociais. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LEAL, Telma; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; LIMA, Juliana de Melo. A oralidade como objeto de ensino na escola: o que sugerem os livros didáticos? In: LEAL, Telma Ferraz; GOIS, Siane (Org.). A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MARCUSCHI, Beth e CAVALCANTE, Marianne C. B. Formas de observação da oralidade e da escrita em gêneros diversos. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio e DIONISIO, Ângela Paiva (Org.). Fala e escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Oralidade e Escrita. Signótica, Goiás, v.9, n.1, p.119-145, jan/dez.1997.